

# Apresentação

Libânia Nacif Xavier 

Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra 

Professora Adjunta de História da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ-Duque de Caxias)

Jefferson da Costa Soares 

Professor Assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

O dossiê *Por uma História da Educação Fluminense* atende a um dever de ofício e a um dever de memória. Enquanto dever de ofício, os artigos reunidos revelam parte dos esforços recentes em prol de pesquisas acadêmicas sobre a História da Educação do estado do Rio de Janeiro.

Principalmente a partir da década de 1990, quando a consulta em acervos e centros de documentação esteve cada vez mais presente na produção de estudos de pós-graduação em História da Educação, o território da cidade do Rio de Janeiro recebia a atenção dos pesquisadores, por sua correlação com a história nacional, por ter sediado administrações políticas em distintos momentos, desde a Colônia, o Império e a República. Por vezes, a cidade figurava como cenário de importantes capítulos da História da Educação nacional, tendo sido utilizada também, ao longo de sua história, como vitrine para diferentes experiências de escolarização e de reformas educacionais.

Porém, ainda que o território da cidade do Rio de Janeiro constitua cenário, fonte e objeto de uma já consolidada historiografia da educação, ainda é pouco explorada a História da Educação de outras regiões do estado do Rio de Janeiro, assim como pouco se conhece da atuação em matéria educacional das agências do governo estadual e das ações de prefeituras e câmaras municipais.

Assim, pensar a História da Educação carioca e fluminense como ponto de partida para a organização de um dossiê sobre a temática se articula a uma constatação. A constatação é a de que, em que pese a expansão da produção de pesquisas na área, nós ainda temos muito a avançar na reflexão sobre as particularidades dos processos de escolarização da população fluminense e carioca. A história política do

Rio de Janeiro pode fornecer algumas explicações esclarecedoras sobre a lacuna que identificamos, logo de saída.

Pois bem, os limites do espaço que conhecemos pelo nome de Rio de Janeiro se configura historicamente como local de intensa atividade política, tendo sido sede da Corte Portuguesa nos inícios do século XIX e, desse modo, configurando-se como centro de poder e, portanto, como região de ocupação privilegiada. Após a independência, o Rio de Janeiro torna-se a capital do país, dando prosseguimento à sua vocação política e consolidando-se, ainda, como centro cultural de relevo no território nacional. A posição de capital e vitrine do país tem obscurecido as particularidades da cidade que, tomada como centro irradiador para o resto do país das políticas e práticas aqui adotadas, passa a se confundir com o conceito de nacional.

Desse modo, muitos estudos que adotam as perspectivas temáticas da História da Educação e que tomam o Rio de Janeiro como campo empírico assumem uma narrativa que converge para a análise das medidas políticas do Estado Nacional, elaboradas a partir do Rio de Janeiro, para todo o país. Em outra chave interpretativa, o debate educacional aqui desenvolvido ganha repercussão nacional e se converte, desse modo, em debate nacional.

Não por acaso, a literatura sobre o debate educacional irradiado do Rio de Janeiro, desde fins do século XIX destaca temas originais e perspectivas de combate, perfilando projetos educacionais e de reconstrução nacional em disputa na cena pública. Também os personagens de renome nacional e internacional que circularam em nossa história até, pelo menos, os anos 1960, quando da transferência da capital para Brasília, são aqueles que ganham notoriedade, depois de circularem nas redes de sociabilidade que incluíam os espaços qualificados da cidade capital, ainda que o grupo fosse constituído de intelectuais provindos de outras regiões do país.

Como se sabe, a perda do *status* de cidade-capital foi seguida por uma reforma administrativa que determinou a fusão dos antigos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, por meio da Lei Complementar nº 20, de 1 de julho de 1975, e trouxe novas expectativas em torno da estruturação do novo estado, que recebe o mesmo nome da cidade. A instituição da região metropolitana do Rio de Janeiro foi acompanhada pela crença nas vantagens da integração regional e da racionalização político-administrativa, demonstrando que, da teoria para a prática, existe um longo caminho e que as possibilidades de se perder nesse caminho não são pequenas.

Essas digressões sobre uma brevíssima história do Rio de Janeiro visam, tão somente, identificar alguns problemas que cercam a atividade de se produzir uma história regional ou local da educação da cidade e/ou do estado do Rio de Janeiro. Conforme já assinalamos, isto ocorre porque a cidade costuma dominar a literatura sobre temas ligados às políticas e aos processos institucionalizados de transmissão cultural, sobretudo nos estudos que se debruçam sobre períodos anteriores à década de 1960, ano da transferência da capital do país para Brasília.

Assim como hoje, a cidade é o centro, a vitrine, e o estado é representado como a periferia, o abrigo da pobreza e das ausências. Existe, então, uma representação que muitas vezes se evidencia nas escolhas de temas e na análise de certos objetos, segundo a qual os municípios periféricos ou do interior do estado do Rio de Janeiro pouco teriam de grandioso para oferecer a quem busca conhecer ideias e iniciativas originais e eficazes para a educação.

Assim, enquanto dever de ofício, temos como intenção demonstrar diferentes enquadramentos de territórios, temas, fontes e abordagens sobre a história local, de modo mais amplo, e sobre a História da Educação fluminense, buscando elementos que nos auxiliem a compreender as suas especificidades.

Com relação à imbricação entre as dimensões nacional e local que a cidade do Rio de Janeiro exhibe em sua história, o artigo assinado por Cláudia Alves, que foi palestrante no III Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro (III EHED-RJ), levanta importantes reflexões, que a autora apresenta sob a forma de perguntas, e para as quais aponta algumas possibilidades de superação. Em meio ao conjunto de questões suscitadas no artigo intitulado *História da Educação no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre fronteiras*, vamos destacar apenas duas, a saber: *O que abarca a denominação “carioca”? Ou, mais complexo ainda, o que pode ser chamado de “fluminense”? Com base nessas questões, Alves destaca que, no que tange aos estudos sobre a cidade/município do Rio de Janeiro, são muito evidentes as formas como o local e o nacional se imbricam nos objetos de pesquisa. Toma como exemplo a repercussão no plano nacional de instituições como o Colégio Pedro II ou a Universidade do Brasil, de políticas como aquelas implementadas por Anísio Teixeira no Distrito Federal, no início da década de 1930. Tais exemplos configuram elementos que se efetivam, em princípio, no âmbito municipal, mas que se projetam no nível nacional por motivos óbvios. Contudo, adverte que *essa particularidade não deve elidir**

*a diversidade que pulsa nesse universo delimitado pelo município, aberto a investigações que mergulhem na sua especificidade.*

Contribuindo para elucidar as representações de cidade moderna das quais o Rio de Janeiro, durante certo tempo, se tornou uma espécie de síntese nacional, o artigo assinado por Cíntia Borges de Almeida, intitulado: *Do falso luxo à miséria geral: cidades (in)visíveis*, oferece elementos férteis para a nossa reflexão a respeito dos desequilíbrios que forjam as representações positivas em torno da cidade e as negativas em torno das áreas periféricas, das favelas e dos bairros pobres. A autora parte da análise dos projetos de reforma urbana pensados para a cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, identificando a presença da educação formal como parte de um projeto civilizatório, imbricada a um projeto urbanístico de cidade. Contudo, destaca também e, sobretudo, a divisão da cidade entre o desenvolvimento do centro urbano e as mazelas do subúrbio e das favelas, configurando uma *modernidade marcada pelo direcionamento de mais investimentos na cidade para se ver do que na cidade para se viver.*

Quando a abordagem se volta para a execução de políticas educacionais em contextos específicos da história do Rio de Janeiro, por vezes, a aparente oposição entre cidade e estado, periferia e centro, espaço cenográfico e espaço de intervenção e lutas parece se diluir, deixando transparecer aquilo que articula esses pares, qual seja: a perspectiva de prover a educação pública a todos com vistas a reduzir as desigualdades sociais e as injustiças políticas. O artigo que tem como título: *Entre defesas e críticas aos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps)*, de autoria de Luiza Silva Moreira e Antonio Jorge Gonçalves Soares, evoca os debates que pontuaram o primeiro governo estadual de Leonel Brizola (1983-1987), ao sublinhar os embates pela implantação dos Cieps. Aliás, cabe lembrar que, além da implantação dos Cieps no município do Rio, também teve como perspectiva a implantação de mais 500 Cieps em vários municípios fluminenses, ambição que só foi efetivada no segundo Governo Brizola (1991-1994).

Acreditamos que a quantidade de estudos sobre regiões antes recusadas pelos pesquisadores teve um incremento significativo, ainda que não tenhamos levantamentos quantitativos que precisem esse crescimento. O fato é que, com a expansão dos cursos de pós-graduação, seja em termos numéricos, seja no âmbito da distribuição geográfica, a produção se diversificou e se espraiou para o estudo das particularidades locais dos processos ligados à ação de instituições e agentes educacionais, nos mais variados espaços de circulação da região que abarca a cidade e o estado do Rio de Janeiro.

Assim, para além dos estudos apoiados em abordagens nas quais a região geográfica e sua definição como ente político-administrativo orientam as análises efetuadas, existem outros esforços de pesquisa em que essa noção, por assim dizer *oficial* sobre o local, vai sendo suplantada pela percepção de suas configurações como espaço de encontros, de intervenção política e educacional, como espaço de sociabilidades e de trocas culturais. Nesse sentido, em alguns estudos, a definição dos marcos político-administrativos nem sempre são naturalizados e aceitos como suficientes para o que se pretende problematizar.

Novas questões e abordagens sugerem outro tratamento sobre o local, como se vê no artigo de Marcelo Gomes, intitulado *Álvaro Palmeira: de comunista a legalista, de legalista a revolucionário*. O artigo é exemplar de um modo de abordar a história local que, partindo da trajetória de um professor que também era ativista político, explora a sua circulação pelos subúrbios do Rio de Janeiro, com uma presença marcante em partidos políticos e associações de trabalhadores. Nesse aspecto, autor propõe-se, com êxito, a desvendar o território pelo qual esse sujeito circulou, perscrutando o espaço da cidade para além das abordagens que a tomam apenas como cenário.

Como sabemos, as cidades e as instituições educacionais articulam espaços totais e, ao mesmo tempo, interligados. Estudar as instituições educativas, suas culturas e produções – didáticas, políticas, profissionais, ideológicas – nos remete aos sujeitos que as habitam e as fabricam, sendo, também, fabricados por elas. Os dois artigos a que nos referiremos a seguir tratam dos indícios deixados por esses sujeitos, professores, alunos e suas relações com os saberes, as políticas, as formas de pensar, sentir e agir nos espaços escolares, que também são expressão do contexto histórico e geográfico em que eles e suas instituições e sua cidade se inscrevem.

Nesse sentido, o artigo de Rodrigo Borba, intitulado *Manifestações estudantis na Escola Técnica Federal Celso Sucow da Fonseca através do periódico o Mícron*, apresenta um recorte da pesquisa realizada em sua dissertação de mestrado que se debruçou sobre os movimentos estudantis ocorridos entre os anos de 1967 e 1978 nesta escola, situada na cidade do Rio de Janeiro. No referido artigo, é dada ênfase ao periódico discente *O Mícron*, publicado nos anos 1964-1967, em meio às tensões do regime militar (1964-1985), que marcaram a nossa história recente. Com base na análise do discurso, o autor analisa as mudanças visíveis *nas* e *entre* as várias seções do periódico, tais como as de humor, as epígrafes e as narrativas dos artigos que compunham os diferentes números da Revista. Como o leitor poderá conferir, os dis-

cursos analisados são entendidos como possibilidades de mediação entre os sujeitos sociais e suas realidades, operando permanências, deslocamentos e transformações na experiência dos indivíduos e grupos envolvidos e em interação com o contexto mais amplo. Traz ao debate, por fim, as tensões entre os alunos favoráveis e os alunos contrários ao regime; entre um grupo de alunos, professores e a Direção da Escola; entre autoritarismo e engajamento na mudança política em prol da democracia, dentre outras tensões que a leitura do artigo poderá revelar.

Na mesma linha, o artigo intitulado *Professores-narradores de pessoas trans\*: experiência e metodologia em Itaboraí (RJ)*, assinado por Cristiano da Silva Brasil de Moraes, também é resultado de sua dissertação de mestrado e nos apresenta as narrativas de professores e professoras que tiveram entre seus alunos, duas pessoas trans\*, nos anos 2015-2016. A pesquisa foi realizada na rede de escolas públicas do município de Itaboraí, situado na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro. Na época em que a pesquisa começou a ser realizada, esta rede contava com um currículo diferenciado que abrangia aulas de ensino religioso (não confessional), literatura, artes, educação tecnológica e educação física. Como explica o autor, esse currículo diversificado foi uma vitória de pessoas que trabalhavam diretamente na Secretaria de Educação do Município, mas foi interrompido em razão de oscilações econômicas, que resultaram na quebra dos contratos do pessoal responsável por esse trabalho. Cristiano expõe a metodologia de pesquisa e os contratempos que dela sempre fazem parte; demonstra uma realidade comum às redes do centro e da periferia, qual seja, a fragilidade das relações de trabalho e investimento; registra a história de professores e professoras que conheceram, reconheceram e educaram esses alunos; e, além disso, compõe o próprio texto como espaço de autorreflexão sobre o ato de pesquisa e de escrita. Abordando uma rede periférica, o artigo contribui, ainda, para ampliar o nosso conhecimento sobre outras realidades locais, ainda pouco estudadas no âmbito da pesquisa em História da Educação.

Sobre a insuficiência de estudos sobre as regiões periféricas da cidade e os municípios distantes do centro urbano, os artigos listados a seguir demonstram que essa realidade vem mudando paulatina e constantemente, deslocando-se a atenção para as realidades educacionais historicamente configuradas em regiões como o interior fluminense e seu centro intermediário, a cidade de Niterói. Além de ter sido capital do estado, Niterói tem funcionado, historicamente, como uma espécie de ponte entre as carências culturais das regiões interioranas e a busca de formação e aperfeiçoamento

profissional, de oportunidades de trabalho e de lazer proporcionadas, ora pela condição de capital ora por sua vizinhança com a *cidade maravilhosa*.

Nessa frente, situa-se o artigo *Educação dos cegos fluminenses: Campos em conexão com Niterói (1950-1970)*, de autoria de Fernanda Luísa de Miranda Cardoso Brasil e Sílvia Martinez. A pesquisa que lhe dá suporte se debruça sobre a história de duas instituições – uma localizada em Niterói e outra em Campos dos Goitacazes – que apoiaram o processo de interiorização da assistência a cegos no estado do Rio de Janeiro, destacando as relações entre capital e interior, nas décadas de 1950 a 1970, conforme anunciam as autoras.

Outro exemplo é o artigo *Práticas pedagógicas da escola normal de Niterói na Primeira República*. Este é assinado por Ariadne Ecar que, explorando fontes oficiais, procura demonstrar que a *Escola Normal de Niterói exerceu papel exemplar, formando professores e contribuindo com a expansão da educação fluminense*.

Outra experiência importante de formação de professores, que se debruçou sobre a zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, é tratada no artigo de Fábio Lima. *Instituto De Educação Sarah Kubitschek: As origens da “Brasília de Miécimo” (1957)* apresenta os resultados da pesquisa de doutorado do autor, defendida recentemente. Trata-se de uma bem construída abordagem que se orienta pela história social e nos oferece uma análise original e instigante das acirradas disputas que se estabeleceram, à época, em torno do monopólio da formação e diplomação de professores, bem como do auge e crise do valor simbólico atribuído a esta profissão pelas famílias de classe média da Tijuca e do subúrbio carioca.

Os dois últimos artigos a que nos referimos anteriormente comprovam a diversificação e o enfrentamento das questões postas ao estudo da História da Educação em regiões do estado onde, muitas vezes, os objetos de estudo permanecem inéditos ou inexplorados e nem sempre as fontes estão organizadas a contento, demandando da parte do pesquisador o trabalho de organização das fontes institucionais e/ou pessoais necessárias ao desenvolvimento de suas pesquisas.

Com respeito às fontes, o artigo intitulado *O acervo da Escola Técnica Estadual Henrique Lage como fonte de pesquisa para a história da educação fluminense*, de autoria de Nailda Marinho e Sâmela Cristinne, trata do uso potencial do acervo documental que hoje integra o conjunto de seis escolas técnicas centenárias da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro (Faetec-RJ). Apresentando as fontes que

se encontram disponíveis em dois arquivos desta mesma escola – um histórico e outro corrente –, as autoras destacam a importância da preservação da memória das escolas e de todos os seus registros, sendo estes entendidos como fontes de pesquisa fundamentais para o conhecimento da história destas instituições, em particular, e da educação fluminense e brasileira, como um todo.

Somando-se às reflexões propostas nos demais artigos, este, em particular, fertiliza a reflexão sobre a própria produção de estudos sobre a História da Educação no Rio de Janeiro, seja por meio de uma análise abrangente do conjunto de publicações de resultados das pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação da região, seja apontando os procedimentos que se fazem necessários à produção e preservação de fontes para o estudo das instituições educacionais, no âmbito das próprias escolas pesquisadas.

Aliás, o artigo também se reporta à contribuição da professora e pesquisadora Ana Waleska Pollo Campos Mendonça, para o desenvolvimento da pesquisa em História da Educação fluminense. Como assinalado na primeira nota do referido artigo, sua elaboração se baseia, em parte, no primeiro capítulo da dissertação de mestrado defendida por Sâmela e é dedicado a Profa. Dra. Ana Waleska Mendonça, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que compôs a Banca Examinadora da referida dissertação em 2016.

Da constatação de que os estudos no âmbito da história local em geral e do Rio de Janeiro, em particular, requerem maior atenção dos pesquisadores é que vinham sendo organizados os EHed-RJ. O primeiro Encontro ocorreu em 2007 e teve como objetivo central estimular debates sobre a História da Educação de diferentes regiões do estado fluminense. A segunda edição ocorreu em 2010 e a terceira, em 2013, sediado na PUC-Rio, sob a coordenação da Professora Ana Waleska Mendonça.

Assim, além do dever de ofício que nos mobiliza em compartilhar importantes reflexões sobre a historiografia da educação fluminense, inclusive divulgando estudos produzidos por ocasião do III EHed-RJ, esse dossiê também se constitui como dever de memória. Isto porque parte desses textos estava sendo organizada para publicação pela Profa. Ana Waleska, que infelizmente, não teve tempo de concluir tal tarefa em razão de seu falecimento, em maio de 2017.

A coordenação do III EHEd foi apenas uma das muitas contribuições de Ana Waleska Mendonça para o campo da História da Educação. Atuando nas diversas licenciaturas, no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio, Ana Waleska contribuiu de modo relevante para a formação de professores e de pesquisadores, assim como formou redes de trabalho em colaboração, influenciando efetivamente o desenvolvimento da pesquisa na área. Contribuiu, ainda, com as suas próprias pesquisas, formando um amplo conjunto de estudos, comentados no artigo *Contribuições de Ana Waleska Mendonça para a pesquisa em história da educação*, de autoria de Jefferson Soares e Libânia Xavier. Ali, os autores apontam os avanços que ela promoveu no estudo da formação de professores, das políticas dirigidas à democratização da educação pública e à profissionalização dos professores nos tempos de Anísio Teixeira e do movimento da escola nova, bem como da história da profissionalização do que ela denominou de professor pós-primário, no âmbito das Reformas Pombalinas.

Entre os trabalhos elaborados por ocasião do III EHEd-RJ, encontra-se o artigo de Amália Dias e José Claudio Sooma, intitulado *Quintais da História da Educação Fluminense: balanços, gangorras e escorregos*. Os autores dialogam com a tradição da historiografia da educação brasileira de produzir “balanços” dos eventos realizados na área, de modo a apontar temáticas, perspectivas teóricas e metodologias de pesquisa do campo a partir dos trabalhos submetidos e aprovados para apresentação no referido evento. Assim, a partir de uma comparação com os balanços do I EHEd e do II EHEd, os trabalhos publicados nos Anais do III EHEd são interrogados sobre o estado atual da pesquisa em História da Educação carioca e fluminense.

O artigo *Crianças e processos de significação em movimentos de guarda*, de Andrea Borges de Medeiros, foi apresentado numa mesa coordenada do EHEd sobre as fontes para a História da Educação local. A autora apresenta uma experiência com crianças e adolescentes de uma escola pública, onde a constituição de um arquivo escolar serviu de gatilho para processos de rememoração e de ressignificações de experiências vividas. Apresenta, assim, uma inspiração para as práticas de memória que os professores da educação infantil podem adotar com suas turmas, ativando os sentimentos de pertencimento e de identificação dos alunos com os seus locais de moradia e com a comunidade em que se inserem.

Em outra linha, o artigo intitulado *Os artigos do intelectual Anísio Teixeira no jornal Folha de S. Paulo em 1968*, produzido pelo professor Fernando Gouvêa, é parte

dos resultados da pesquisa de pós-doutoramento que ele concluiu, sob a supervisão da Profa. Ana Waleska, em 2016. Ao se debruçar na análise da atuação de Anísio Teixeira pós-1964, por meio de artigos publicados na imprensa, Fernando Gouvêa demonstra a necessária e possível transposição das periodizações e temáticas em estudo no campo da História da Educação naquele período, que ainda é pouco explorado no universo de temas e problemáticas que constituem atualmente esse campo de estudo.

O professor Fernando foi orientando de mestrado, doutorado e pós-doutorado da Profa. Ana Waleska e com ela dividiu, entre tantas coisas, o interesse pelo estudo da trajetória de Anísio Teixeira. Assim, é pela singela certeza de que a história continuará, que submetemos aos leitores e leitoras, esse dossiê, como uma homenagem, *in memoriam*, a Ana Waleska Pollo de Mendonça, e com os votos, para a comunidade dos pesquisadores em História da Educação fluminense, que em breve estejamos envolvidos com a organização do IV EHed-RJ.

Pensar a escola de massas na realidade brasileira, sem desconsiderar as particularidades regionais ou da cidade e do bairro se coloca como um desafio para a pesquisa e a gestão da educação pública. A questão não é nova, mas requer que seja enfrentada por abordagens que busquem afinar os seus instrumentos de análise, alternando as lentes de observação de modo a obter uma visão ampla e geral passível de se articular a uma microanálise da escola e de seus frequentadores, do bairro e da comunidade que a cerca, do país e dos condicionantes políticos e sociais que marcam a nossa realidade.

Acreditamos que, dentre muitas outras, as abordagens da história local apresentam um conjunto de instrumentos teóricos e metodológicos que podem ser úteis para o conhecimento da História da Educação e da escola, em suas diversas configurações e peculiaridades. Esperamos que os artigos selecionados para compor esse dossiê contribuam nesse esforço.